

1. PEREIRA, Luzimar Paulo. Os giros do sagrado. Um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia, MG. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

Daniel Bitter

*Professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia, PPGA/UFF e membro do NARUA (UFF)
Núcleo de Antropologia das Artes, Rituais e Sociabilidades Urbanas*

Nos últimos anos vimos emergir alguns trabalhos antropológicos que renovaram significativamente os estudos sobre as “folias de reis”, dando continuidade às pesquisas pioneiras de Carlos R. Brandão, sugerindo novas perspectivas e problemas para a abordagem do tema.

Entre estes estudos destaca-se o trabalho de Luzimar Pereira, recentemente publicado sob o título de *Os giros do Sagrado*. Trata-se de uma profunda incursão no universo festivo de foliões e devotos de Urucuia-MG. As folias examinadas pelo autor se configuram como extensas e complicadas redes de troca, relacionamento e solidariedade, promovendo uma ampla circulação de pessoas, entidades e coisas. Caracterizam-se como eventos nos quais se estabelecem intensos intercâmbios de dádivas entre pessoas, antepassados e divindades, e nesse sentido, parecem ser contextos particularmente propícios para uma abordagem que combine análises sobre ordens cosmológicas abrangentes e agências dos atores sociais. Como bem notou Alan Caillé, o dom é o domínio, por excelência, do *político*, “no sentido mais geral e mais preciso do termo ao mesmo tempo (2002: p.238)”, mas é também, o domínio do simbólico, uma vez que as coisas trocadas valem pelo valor das pessoas, comunicam alguma coisa e, sobretudo, produzem efeitos sobre o mundo.

Uma das ideias apontadas por Luzimar Pereira, como um importante aprendizado adquirido ao longo da pesquisa, diz respeito à noção de que, os rituais das folias não existem apenas para reavivar o sentimento de pertença e fortalecer laços sociais, mas, sobretudo, para constituí-los, o que o coloca em conexão com uma das principais ideias de Durkheim sobre a solidariedade e o sagrado.

Ao longo de suas 368 páginas, somos expostos a uma diversidade de categorias nativas, cuidadosamente discutidas por Luzimar Pereira. Como bem alerta José Reginaldo Gonçalves, autor da orelha do volume e orientador da tese de doutorado, que originou esta publicação, “etnografia aqui é entendida em seu sentido clássico, tal como integra e define o patrimônio singular da moderna antropologia social ou cultural”. O intenso envolvimento do autor com os foliões urucuianos, ressaltando-se o fato de ter, inclusive, assumido um papel ritual dentro de alguns *ternos* ou *companhias* estudados, resulta efetivamente numa “descrição densa” (Geertz, 1978), produto de um contínuo confronto e negociação entre teorias nativas e do pesquisador.

O livro está estruturado em três partes acompanhando, como esclarece o autor, a própria dinâmica processual da festa, vista como uma “peregrinação” que se desenvolve no tempo e no espaço. A inspiração mais direta aqui vem dos ritos de passagem analisados por Van Gennep (1978). Os festejos se desenrolam em distintas e complementares etapas: a *retirada*, o *giro* e a *entrega da folia*. A primeira representa a separação do contexto familiar e a imersão no espaço mito-mágico das divindades e antepassados. Os giros, fase liminar por excelência, onde a dimensão do sagrado atinge sua atividade máxima, seriam os deslocamentos realizados por foliões (cantores e tocadores) pelas casas, fazendas e territórios, na roça e na cidade, considerados distantes. Por fim, a entrega, configura-se como um rito de agregação, encerrando o ciclo festivo e conduzindo seus participantes de volta às suas vidas cotidianas. Este é o momento em que numerosas pessoas, que de algum modo contribuíram para a festa, se reúnem em torno de uma ostentosa cerimônia marcada por intensa comensalidade, música e dança. Explorando as consequências das ideias de Van Gennep, Luzimar Pereira propõe que as folias podem ser vistas como encadeamentos intermináveis de deslocamentos, entradas, margens e saídas, o que o leva a argumentar que as noções de “sagrado” e “profano” são formuladas e postas em operação num contexto de forte mobilidade e rotatividade (Van Gennep, *idem*).

Para entrar propriamente na descrição e análise das festividades, o autor apresenta uma diversidade de aspectos relacionados ao município de Uruçuia,

seus moradores e sua vida cotidiana. Explora as concepções de tempo, espaço, trabalho, família, casa, propriedade, etc, de forma a entendermos melhor a festa em sua totalidade. Somos apresentados a personagens como Zé Wilson, Du, Manuel, Antonio de Terto, Valéria, entre outros tantos, e a lugares como, Riachinho, Campinas, porto de Manga, que compõem a paisagem humana e física dos rituais. Acompanhando suas descrições, somos informados de que a maioria dos participantes das folias (foliões, imperadores, moradores) residem em áreas rurais, onde a *fazenda* se configura como uma unidade central de moradia, produção e trabalho, organizando suas relações de parentesco e reciprocidade. Luzimar Pereira alerta, contudo, para a polissemia desse termo. Um dos sentidos importantes é o que remete aos pequenos agrupamentos de vizinhança, que se configuram como “bairros rurais”, muitos deles originados pela dissolução e fracionamento das grandes fazendas, por morte do dono, falência ou venda da propriedade. Nesses bairros rurais predominariam a convivência de famílias extensas num mesmo território, onde as noções de parentesco e vizinhança seriam princípios que orientam os direitos e deveres das pessoas. Outro domínio explorado pelo autor consiste na própria casa, uma vez que ela é de fundamental importância, tanto para a vida cotidiana quanto ritual dos urucuianos. A moradia e sua relação com a rua encontra-se no centro de um sistema classificatório por meio do qual são formuladas as distinções básicas entre familiares e estranhos, homens e mulheres, jovens e velhos, sagrado e profano, etc. Ressalta-se que boa parte das atividades rituais de foliões e devotos se dá justamente nas casas, onde ocorrem as *visitas*, os *pousos* e as ofertas de *esmolos*¹ para o cumprimento da *promessa* dos imperadores, os principais responsáveis pelo custeio e organização da festa. Como escreve “Em contraste com sua aparente imobilidade, enquanto edifício material, a residência tem uma natureza bastante dinâmica, como espaço simbólico (p. 54)”.

¹ A categoria é amplamente explorada pelo autor. A ideia fundamental é que as trocas efetuadas pelas folias transcendem o caráter puramente utilitário. A quantia arrecadada pelos giros é considerada mínima, diante dos recursos necessários para custear a festa. Seguindo um código moral, os foliões jamais solicitam a esmola a um residente, pois ela tem de ser livremente oferecida. Luzimar Pereira sugere que o que está em jogo é menos o que e o quanto se dá, do que a própria visita realizada na casa de uma família.

O livro descortina os processos de constituição de extensas redes colaborativas para que uma folia aconteça. As pessoas que são consideradas as principais promotoras da festa são os *imperadores* (homens) e as *imperadeiras* (mulheres). Luzimar Pereira nos alerta que se trata fundamentalmente de posições e títulos de prestígio e honra. A posição de imperador é investida de enormes responsabilidades. Se for bem sucedido, pode ter seu prestígio muito ampliado. Inversamente, sua reputação pode ser gravemente manchada, caso não consigam honrar os compromissos assumidos. Os imperadores, geralmente se envolvem com uma ou mais folias através de uma *promessa*, o que deve ser entendido no quadro interativo das trocas de dádivas e contra-dádivas entre as pessoas e divindades (Mauss, 2003). A *promessa* é, de certo modo, o motor das folias, quando colocam-se em operação as relações entre as pessoas e seus santos católicos de predileção, não se restringindo aos Reis Magos². O livro nos revela através de sua tessitura etnográfica que há muitos modos de se fazerem pedidos aos santos e também de pagar pelas *graças* alcançadas.

Dentro da complexa cosmologia de foliões e devotos, os santos são também vistos como sendo simultaneamente generosos e vingativos, mantendo relações de proximidade e distância com as pessoas. Pode-se dizer que a própria realização de um *terno* ou *companhia* é uma forma de pagamento de uma promessa, que por sua vez, medeia a relação de devotos com seus santos, ajudando-os a pagarem outras tantas promessas de uma diversidade de pessoas.

Para que as folias alcancem seus objetivos, é necessária uma enorme convergência de esforços. Uma folia pode começar com um casal de imperadores e acabar por abarcar numerosas categorias sociais: parentes, amigos, vizinhos, simples conhecidos e mesmo desconhecidos. Sua realização demanda a articulação de uma ampla rede de auxílio, sendo que as alianças feitas com personagens que não pertencem ao círculo de parentes, vizinhos e compadres, se dá através do *trato*, um possível desdobramento da noção de contrato.

O trato exige o empenho da palavra, comprometendo moralmente os envolvidos. Ressalta-se que as solicitações de auxílio às pessoas próximas ao núcleo doméstico, são marcadas pelo signo da obrigatoriedade e por valores co-

² Há vários tipos de folias na região: folia de São Sebastião, folia de Santa Luzia, folia dos Reis Magos, etc.

mo solidariedade e *consideração*. Inversamente, as alianças constituídas longe do espaço familiar, tendem a ser mais individualizadas. Como bem salienta o autor, nem tudo na folia se resume às relações simétricas de reciprocidade. Há dados etnográficos que permitem perceber o caráter fortemente agnóstico da festa, quando se evidencia a desigualdade de *status* entre doadores e donatários e sua classificação hierárquica.

Ficamos também sabendo, ao longo da leitura do livro, que, se por um lado, os imperadores são figuras centrais para a realização da festa, esta se torna impossível sem a participação dos cantores e tocadores das folias. Como bem aponta o autor, diz-se que os promesseiros contraem a dívida com os santos, mas quem paga são os foliões, liderados por um *capitão*. Sua importância é de tal ordem que estes se distinguem dos demais participantes dos festejos, pelo uso de uma *toalha* cerimonial que é mantida sobre o ombro. Luzimar Pereira faz uma interessante análise dos usos sociais e simbólicos deste, aparentemente, prosaico objeto, revelando sua relevância nas várias etapas do ritual. A toalha costuma receber o nome de batismo de seu usuário e o acompanha em muitas etapas da vida, podendo até mesmo ser enterrada juntamente com o morto. A ideia central aqui é a de que as toalhas são extensões corporais, espirituais e morais de seus proprietários e, por isso mesmo, são vistas como mediadoras mágico-religiosas. As narrativas etnográficas seguem revelando que os foliões recebem as toalhas como um reconhecimento público de que são portadores de uma *influência*, ou seja, uma habilidade específica (por exemplo, para cantar ou tocar um instrumento) agraciada como um dom divino. Verifiquei fenômeno semelhante entre foliões da Mangueira-RJ, nas minhas pesquisas (Bitter, 2010). O sanfoneiro conhecido como Tata, numa certa ocasião, disse que tocar sanfona era um presente dos Magos e que, por isso, se sentia obrigado a tocar o instrumento até seus últimos dias de vida, o que realmente fez.

De acordo com autor, a *influência* precisa ser socialmente reconhecida e sustentada publicamente, o que envolve relações de poder, uma vez que “a construção social do folião envolve uma disputa de grandes proporções e estando associada, muitas vezes, a laços de parentesco, vizinhança ou amizade

(p. 109)”. O giros da folia constituem uma etapa muito importante dos festejos e podem ter a duração de uma única noite ou se estender por muitas outras, o que exige que o grupo permaneça em algumas das casas como um *pouso*, para descanso³. Sua realização está fundamentada nas narrativas míticas que contam que os Magos teriam seguido viagem em direção à Belém, orientados por uma estrela guia (o anjo Gabriel) para adorar e presentear o menino Deus⁴. Os giros seriam, desse modo, uma recriação ritual dessa viagem. Eles acontecem à “noite”, liminarmente, expondo os foliões aos mais variados perigos: frio, cansaço, bebida, mulheres, brigas, feitiços, rivalidades, etc. A própria experiência do sagrado, é um empreendimento considerado muito perigoso, exigindo uma série de cuidados e preparativos. Alguns destes cuidados são direcionados a certos objetos cerimoniais, como as toalhas, instrumentos musicais, altares, *lapinhas* e a *bandeira*. A bandeira é descrita como um mastro de madeira em que é fixado o pano ao qual se costura a estampa do santo. Trata-se de um dos objetos de maior valor ritual e simbólico para foliões e devotos, pois acredita-se que ela seja capaz de trazer bênçãos e graças a quem a recebe. A bandeira é deslocada ao longo dos giros pelo *alferes* e é entronizada nas casas visitadas, de forma a trazer os próprios santos à presença de todos.

Os giros obedecem a regras espaciais muito estritas em virtude da ameaça de perigos, o que reflete toda uma cosmologia, profundamente discutida no livro. Os deslocamentos de casa em casa precisam ser feitos sempre à direita em sentido anti-horário, de modo que os foliões não voltem a passar pelas mesmas travessias. Caminhar “às avessas” é um ato interdito, cuja violação, acredita-se, venha causar graves sanções divinas. Luzimar Pereira recorre ao clássico estudo de Robert Hertz, *A preeminência da mão direita* (1990), para pensar as relações classificatórias entre direita e esquerda em homologia com as noções de puro e impuro, ordem e desordem.

³ A definição das casas a serem visitadas e das casas que servirão de pouso é resultado de uma intensa negociação. O autor sugere que um dos aspectos a serem levados em conta nesta definição é o prestígio que um morador pode ganhar ao receber uma folia.

⁴ As variantes deste mito são inúmeras e como revela Luzimar Pereira, sua passagem ao rito, comporta diversos ajustamentos.

Um dos argumentos interessantes apresentados por Luzimar Pereira é o de que os giros são momentos marcados por uma forte ambiguidade e liminaridade (Turner, 1974). Como escreve, “Sua execução é sempre o resultado de um grande tensionamento entre os valores da liminaridade, que desfaz as diferenças, e as categorias classificatórias que regem o dia a dia dos urucuianos (p. 216)”. Nesse sentido, é possível compreendermos a presença de certa licenciosidade entre as atividades consideradas mais sagradas. Os giros guardam certa dimensão de “brincadeira” e camaradagem entre seus integrantes. O autor salienta, contudo, que o “enquadramento” (Bateson, 1972) que delimita o espaço onde se dão as brincadeiras, aponta para uma “anti-estrutura”, mas não chega a dissolver completamente as relações hierárquicas. Há aqui, um delicado e precário equilíbrio entre estrutura e anti-estrutura, uma vez que os contornos de um enquadramento podem efetivamente se dissolver, fazendo com que um jogo provocativo entre foliões se transforme em um *agravamento* e subsequentemente numa briga de fato, expondo seus contendores a possíveis situações de humilhação e desonra.

Como apontei acima, a casa está no centro dos rituais das folias. O autor apresenta descrições detalhadas da visita das folias às residências e seus moradores destacando o papel central da bandeira, inclusive na sacralização da casa e de seus espaços mais recônditos. A formalidade do cantório realizado pelos foliões sede lugar à informalidade da *dança do quatro*, uma performance coreográfica, cantada e tocada, que envolve os foliões e os demais participantes do ritual. Sua execução desfaz parcialmente as fronteiras entre moradores e demais participantes, entre a cozinha e a sala, conduzindo o ambiente para uma certa *communitas* festiva.

Luzimar Pereira refere-se à dança do quatro como uma “/... antiestrutura no interior da estrutura ritual (p.252)” (Turner, 1974). O autor nos informa que a performance é muito apreciada e que esta se dá num contexto de trocas mais imediatas entre foliões e residentes. A dança é uma forma de pagamento e agradecimento pelos serviços oferecidos pelos moradores, o que inclui a oferta de um pequeno repasto, cachaça, café, etc. Há ainda, pelo menos duas características importantes desta dança. A primeira é que ela pensada e feita

para as mulheres, em contraste com o *fundamento* religioso da festa associado ao mundo dos homens. Em segundo lugar, o quarto envolve uma poética do improviso, onde os anfitriões podem ser elogiados pela boa recepção através dos versos. Entretanto, como aponta o autor, a possibilidade do improviso dissemina um temor de que as reputações sejam arranhadas através dessa forma pública de expressão, quando as trocas positivas se transformam em veneno, revelando os inúmeros aspectos agonísticos da festa.

Ao final da dança, a bandeira é devolvida ao alferes para que continuem os giros e é neste momento que se fazem as ofertas de esmolas, de forma mais privada. Se as esmolas tendem a ser dadas numa esfera mais privada, o mesmo não se aplica quando está envolvida a oferta de um boi, acontecimento público, por excelência. Na terceira e última parte do livro, somos introduzidos ao universo do gado e sua importância tanto para a vida cotidiana quanto para a vida ritual. Sua oferta é um dos gestos mais louvados por foliões. Por outro lado, seus proprietários, muitas vezes, aguardam a visita de uma folia e esperam que esta realize uma *saudação do curral*, de modo a benzer os animais e afastar infortúnios. Luzimar Pereira observa que a introdução do gado no universo de foliões se dá a partir de três movimentos complementares. O primeiro é a sua “sacralização”, quando o boi torna-se propriedade inalienável de um santo. O segundo refere-se ao seu sacrifício. O último, por sua vez, correlaciona-se com a transformação completa de alimento em *comida*. Não se trata, aqui, de comida do ponto de vista nutricional, mas das mediações que é capaz de realizar, dentro de um “sistema culinário”, articulando diversos domínios da vida social.

Aqui talvez seja oportuno apresentar ao leitor uma das ideias mais interessantes do livro. Seu autor sugere que a festa envolve simultaneamente abertura e comedimento. Se, por um lado, ela deve se abrir solidariamente ao público, por outro, ela deve fechar-se em si mesma; esconder as razões utilitaristas e os interesses mais pragmáticos que se ocultam nos bastidores de sua promoção. Luzimar Pereira argumenta que os atos de “mostrar” e “esconder” são correlatos ao modo como a “honra” é pensada e vivenciada distintamente por homens e mulheres. Apoiando-se nas reflexões de Pitt-Rivers (1992), o autor

propõe que o trabalho, para os homens, é executado num contexto de rivalidade e reconhecimento público de suas competências. Já para as mulheres, o trabalho é marcado pela humildade e pelo recato. Como propõe o próprio Pitt-Rivers, com relação ao seu estudo numa aldeia siciliana, a honra masculina é uma questão de precedência. Já, a honra feminina é uma questão de virtude e pureza sexual (1992, p. 295). Somos evidentemente forçados a reconhecer que essas ideias não podem ser aplicadas universalmente, mas em todo caso, elas parecem reverberar de modo convincente com o material etnográfico exposto por Luzimar Pereira, quando acompanhamos tudo aquilo é ostentadamente exibido, como num grande *potlatch*, e tudo aquilo que se mantém no mundo privado e íntimo de foliões, imperadores e devotos.

O fim do ciclo de giros é marcado pela entrega da folia e requer o retorno de seus integrantes à casa dos imperadores, de onde partiram inicialmente. A *entrega da folia* é o evento mais público e mais esperado. O autor salienta que é neste momento que se pode avaliar com mais precisão a qualidade da festa, e, portanto, o resultado de todo um trabalho coordenado. Uma série de indícios permitem aos convidados fazerem esta avaliação: animação, quantidade de pessoas, música, qualidade da comida, fatura, etc. Um dos momentos culminantes da entrega é a refeição ou janta cerimonial. Luzimar Pereira relata que normalmente, há uma mesa destinada exclusivamente aos foliões e a pessoas de alta distintividade. A bandeira é deslocada do santuário para a mesa através de um cerimonial, no qual se entoa uma *alvorada*. Sua presença sobre a mesa, a sacraliza, revestindo a própria refeição de um caráter transcendental, distinguindo os membros do terno dos demais convidados. O argumento central aqui é que a mesa hierarquiza as pessoas, desde o cardápio até o modo de se servir. Segue-se ao jantar um cantório de agradecimento e uma ladainha comandada por *puxadores de reza*, diante de uma lapinha.

Nas páginas finais do livro, o autor se propõe a pensar sobre a dupla natureza dos movimentos dos giros. Estes seriam, por um lado, uma *romaria* caracterizada por um movimento para frente em direção ao sagrado, como também, para o alto. Por outro lado, os giros podem ser vistos também como uma procissão que carrega à frente a santidade para a qual tudo converge. “Os san-

tos, em outras palavras, é que viajam, sendo os foliões e acompanhantes o seu séquito durante os dias de caminhada (p. 328)”. Por fim, as jornadas realizam um movimento para baixo, no sentido em que, as divindades descem ao plano mundano e se relacionam com os humanos. Todos estes deslocamentos, reflete o autor, propiciam uma dissolução momentânea das fronteiras que separam espaços, pessoas e divindades de modo a operacionalizar um ampla rede de trocas. Os giros se iniciam num estado de contração, promovem um movimento de intensa expansão ao longo de seu desenvolvimento, voltando ao estado original de concentração, reforçada por um enorme e poderoso ajuntamento de pessoas. Nesse longo caminho percorrido, as esmolos convertem-se em propriedade dos santos, pela mediação dos imperadores, para finalmente serem redistribuídas cerimonialmente na forma de um suntuoso repasto. Como notou Clifford (1994) nem toda a acumulação de bens serve ao uso privado, podendo ser destinada à livre distribuição.

Luzimar Pereira mostra ainda que a relação entre os imperadores e os convidados é mediada por certas etiquetas, por “leis básicas da hospitalidade”, de forma a controlar os perigos associados aos estrangeiros. Agora, os foliões, destituídos de suas toalhas, encontram-se livres para exercerem plenamente sua masculinidade, uma vez que sua obrigação religiosa está terminada. A formalidade e solenidade dos rituais que antecedem a entrega, dão lugar a um espaço de significativas inversões, onde o corpo assume um lugar de poderosa expressão, efetuando-se uma passagem ao baixo material, corporal e cosmológico (Bakhtin, 1993).

Terminamos o livro na festa de Du, em meio a uma multidão de pessoas entregues a uma espécie de “carnaval” sertanejo. Observamos aqui um notável contraste entre um igualitarismo, dado pela partilha generalizada de comida, bebida e música e a expressão de uma superioridade personificada pelo promotor da festa, que não desperdiça as oportunidades de ver-se como um foco de elogios e honrarias. Como bem observa o autor, neste ponto, a opinião pública exerce um enorme poder sobre a reputação e autoridade dos organizadores da festa.

REFERÊNCIAS

2. BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. Brasília, Ed. Da UNB. 1993.
3. BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. Cadernos do IPUB. Instituto de psiquiatria. UFRJ, nº5, 2000.
4. BITTER, Daniel. A bandeira e a máscara. A circulação de objetos rituais nas folias de reis. Rio de Janeiro: 7 letras e CNFCP/IPHAN, 2010
5. CAILLÉ, Allain. Antropologia do dom. O terceiro Paradigma. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002.
6. DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Paulus, 1989.
7. CLIFFORD, James. Colecionando arte e cultura. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. N. 23. IPHAN, 1994.
8. GEERTZ, C.. A Interpretação das Culturas (pp. 45-66). Rio e Janeiro: Zahar, 1978.
9. HERTZ, Robert. "A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa". - 128. In: Religião e Sociedade, vol. 6, Rio de Janeiro, ISER, 1980.
10. MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosacnaify, pp. 185-314. 2003
11. PITT-RIVERS, Julian. El lugar de la gracia en la antropología. In: PITT-RIVERS, Julian; PERISTIANY, J. G. (Ed.). Honor y gracia. Madrid: Alianza, 1992.
12. TURNER, Victor. O processo ritual. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974
13. VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978.